

CINEMATECA PORTUGUSA-MUSEU DO CINEMA

8 e 22 de Novembro de 2022

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO – A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

LE SOUFFLE AU COEUR / 1971

Sopro no Coração

Um filme de Louis Malle

Argumento: Louis Malle / *Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor):* Ricardo Aronovich / *Cenários e guarda-roupa:* Jean-Jacques Caziot, Philippe Turlure / *Música:* Gaston Frèche, Henri Renaud e trechos de Charlie Parker e Sidney Bechet / *Montagem:* Suzanne Baron / *Som:* Jean-Claude Laureux e Michel Vionnet / *Interpretação:* Benoît Ferreux (*Laurent Chevalier*), Lea Massari (*Clara Chevalier, a sua mãe*), Daniel Gélin (*Charles Chevalier, o seu pai*), Fabien Ferreux (*Thomas*), Marc Winocourt (*Marc*), Michel Lonsdale (*o padre*), Ave Ninchi (*Augusta, a criada*), François Werner (*Hubert*), Gila von Weitershausen (*a prostituta*), Eric Walter (*Michel, o garoto louro*), Henri Poirier (*o tio Léonce*), Micheline Bona (*a tia Claudine*), Liliane Sorval (*Fernande*), Corinne Kersten (*Daphné*), Annie Savarin (*a cozinheira*), Jacqueline Chauvaud (*Hélène*), Andrzej Zulawski (*o amante de Clara*).

Produção: Vincent Malle e Claude Nedjar para a NEF (Nouvelles Éditions de Films, Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia mundial:* Maio de 1971 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Castil), 16 de Maio de 1975. Primeira apresentação na Cinemateca a 19 de Março de 2005, no âmbito do ciclo “Esplendor na Relva”.

Louis Malle talvez nunca tenha recebido a consideração crítica que merece. Contemporâneo e companheiro de viagem da Nouvelle Vague, sempre foi reconhecido como um cineasta original e de envergadura, mas fizeram-lhe diversas críticas injustificadas. Uma delas foi a de mudar constantemente de registo, como se isto fosse a marca de uma falta de personalidade. O facto é que Malle é um cineasta versátil, que soube trabalhar em França e nos Estados Unidos, dirigir vedetas e desconhecidos, evitando sem esforço as convenções. Além disso, sempre se interessou pelo documentário, que realizou durante toda a vida, paralelamente às suas ficções. Todos sabem que Malle co-realizou **Le Monde du Silence** com Cousteau e realizou a série **L’Inde Fantôme**, mas poucos sabem que realizou sete outros documentários, sobre temas tão variados como uma fábrica da Citroën, a Volta de França e Dominique Sanda. Um sério e alentado estudo sobre a sua obra, coordenado pelos italianos Flavio Vergerio e Giancarlo Zappoli se intitula precisamente “Entre a Ficção e a Realidade”. Outras das críticas que denotam má vontade em relação ao seu cinema é que Malle buscava temas suficientemente escandalosos para chamar a atenção, mas não os tratava de modo suficientemente violento. Entre estes temas astutamente “escandalosos” estariam a representação do sexo em **Les Amants**, ousada para 1958, a prostituição infantil em **Pretty Baby**, a colaboração de um camponês com as forças de ocupação nazis em **Lacombe Lucien** (o Partido Comunista ficou indignado) e o incesto em **Le Souffle au Coeur**. Esta observação é absolutamente injusta, pois Malle jamais buscou o escândalo. Além de ser um notável diretor de atores, é um cineasta que se aproxima muito de perto dos seus personagens, que interioriza aquilo que mostra, sejam estes personagens uma vedeta de cinema (**Vie Privée**, um dos raríssimos filmes em que Brigitte Bardot interioriza alguma coisa), um homem que caminha para o suicídio (**Le Feu Follet**), o personagem de um conto fantástico de Poe (**William Wilson**) ou um adolescente às voltas com o início da sua vida sexual, como em **Le Souffle au Coeur**.

Le Souffle au Coeur é muito bem estruturado, mas a sua estrutura é sutil, como convém a um filme de factura clássica. O plano de abertura indica-nos onde estamos: em Dijon, em 1954. Ou seja, numa cidade da província francesa, num país já normalizado em relação ao período da Segunda Guerra Mundial, mas num ano de violentas mudanças no seu império colonial: a derrota na Indochina, seguida, meses depois, pelo início da Guerra da Argélia. Assim como o protagonista surge de imediato no ecrã, também a longínqua Guerra da Indochina surge de imediato, através do peditório feito pelos dois adolescentes, antes da homília do padre. O argumento é estruturado em duas partes, antes e depois da doença do rapaz, em Dijon e nas termas. A primeira parte, centrada à volta do protagonista, apresenta o contexto familiar e social de modo extremamente bem-humorado, o que dá um aspecto cómico a muitas cenas. Não estamos no tom caricatural de Chabrol em relação à burguesia, os preconceitos e os ridículos fluem por si mesmos. Este tom leve, que será quebrado pela irrupção da doença, tem como contraponto o apetite intelectual do protagonista, que se manifesta através de uma série de signos culturais que definem uma época, um país e um indivíduo: o jazz, particularmente Charlie Parker, Boris Vian, Camus (os retratos destes dois últimos são visíveis no quarto do protagonista) e *O Mito de Sísifo*, que carrega o tema da interrogação sobre o suicídio (*“único tema filosófico digno de atenção”*), René Crevel, Proust, Tintim (*“Proust para te divertires, Tintim para ficares culto”*) e mesmo Goethe, cujo *O Rei dos Olmos* é encenado pelos escuteiros. Estas alusões culturais definem o protagonista por dentro, assim como a vasta vivenda e a presença das criadas o definem por fora, como um filho da próspera burguesia. Situar a época em que se passa um filme pela alusão a eventos políticos e culturais é bem mais inteligente e eficaz do que multiplicar os sinais exteriores desta época, como as roupas e adereços. Quando **Le Souffle au Coeur** foi feito, havia uma verdadeira moda de filmes “retro”, mas embora Malle não recuse elementos visíveis da “reconstituição de época”, como carros e roupas, mostra-os de modo moderado, sem cair na armadilha que consiste em transformar o cenário num mostruário. Teve o bom gosto de envelhecer os fatos, o que evita que todos vistam roupas novas em folha, o que é uma das falhas mais gritantes dos maus filmes “de época”.

Na segunda parte, tudo se concentra sobre o adolescente e a sua mãe, uma figura que destoa no mundo em que vive e que neste sentido tem ela própria algo de adolescente. É cada vez maior a interiorização da relação do rapaz com aquilo que o cerca, em particular com a mãe. O famoso episódio do incesto, breve, discreto, acidental, foi visto por Alberto Moravia como *“uma relação física entre uma mulher adulta e um rapaz que poderia ser o seu filho”*. Depois de verbalizado, o incesto é rapidamente “exorcizado” pela verdadeira iniciação sexual do rapaz e o plano final reúne toda a família (quatro homens e uma mulher) à volta de uma gargalhada geral e dessacralizadora.

Num livro-entrevista feito no fim da sua vida, Malle citou os seus filmes preferidos, entre aqueles que fizera. Entre os filmes dos seus começos, escolhia sem hesitar **Zazie dans le Métro** e **Le Feu Follet**. No conjunto da sua obra, *“talvez **Au Revoir les Enfants**, **Lacombe Lucien** e **Le Feu Follet**. São filmes muito sombrios, mas dos quais sinto-me muito próximo. Posso fazer outra lista, numa veia mais leve: **Zazie**, **Le Souffle au Coeur** e **Atlantic City**”*. À exceção talvez de **Au Revoir, les Enfants**, excessivamente calculista, estas listas reúnem filmes de um cineasta que tem o que dizer e sabe dizê-lo, que é capaz de alternar registos diferentes, que é extremamente próximo dos seus personagens e também pensa e domina a forma. Um cineasta que “tem obra” e obra original, pessoal e de envergadura.

Antonio Rodrigues